

Violência filmada e comportamentos agressivos: I - A investigação experimental e as suas hipóteses*

MARIA BENEDITA MONTEIRO
JORGE VALA
CARLOS C. SARAIVA
VITOR PINA DA COSTA*

Depois os pára-quedistas fusilaram-no. Sem o magoar, claro.

MÁRIO HENRIQUE LEIRIA

INTRODUÇÃO

A violência tem sido diferentemente perspectivada quer a nível filosófico, moral, político, ou mesmo quando abordada pelas ciências sociais e humanas. Por outro lado, quando se procura analisar o que é a violência legítima e a violência ilegítima, verifica-se que tal não depende desta ou daquela forma de comportamento violento em si, mas do seu fim, do seu autor, da vítima e do contexto histórico e cultural.

No contexto da ideologia da democracia ocidental, a violência parece estar associada a uma avaliação negativa: *«à partir du moment où chaqu'un est appelé au statut de citoyen, où est reconnu son droit à la liberté et au bonheur, la violence ne peut plus être confondue avec la force, elle ne relève plus de nécessités physiques (calamités naturelles) ou politiques*

* Artigo escrito no âmbito do projecto n.º 125.79.102 do programa de Investigação da J.N.I.C.T. para 1980. M. B. M. é Psicóloga e Filóloga, Investigadora do G.E.P.S. - Grupo de Estudos de Psicologia Social, I.S.P.A. e docente do I.S.P.A.; J. V. é Psicólogo Social, Investigador do G.E.P.S. e Assistente no I.S.C.T.E.; C.C.S. e V.P.C. são Psicólogos e Assistentes de Investigação no G.E.P.S.

(hiérarchies de droit divin), elle devient un phénomène qui a rapport avec la liberté et qui peut, et doit, être combattu et surmonté.»¹ (Domenach, 1978, p. 760).

Neste sentido, a constatação de um número cada vez maior de actos violentos aos mais diferentes níveis levou, de há uma dezena de anos para cá, organizações nacionais e internacionais, como a UNESCO, a apoiar investigações que procuram analisar este processo a nível da sua incidência individual e colectiva, e a nível da complexidade dos seus determinantes.

É neste contexto que, nas ciências do comportamento, os investigadores começam a estudar a relação entre a difusão da violência e a difusão dos meios de comunicação social, nomeadamente dos filmes violentos. A análise desta questão tem entretanto revestido ora uma orientação mais aplicada, num contexto preventivo e/ou terapêutico (Comstock, 1972), ora uma orientação de pesquisa fundamental, integrando este problema na compreensão do processo de aprendizagem por observação e imitação (Bandura, 1963), na compreensão do próprio processo psicológico da agressividade (Berkowitz, 1970; Bandura, 1973 e 1979), ou na compreensão do processo sociológico da

¹ As citações são sempre apresentadas na língua da edição consultada.

comunicação social e das suas funções (Himmelweit *et al.*, 1958; Schramm *et al.*, 1961, entre outros), ou ainda na compreensão do funcionamento das instituições sociais em geral (Comstock, 1978) e de controlo social em particular (Gerbner *et al.*, 1979).

Com este artigo pretendemos situar e problematizar as orientações teóricas e metodológicas dominantes na investigação neste domínio, cingindo-nos, porém, à investigação experimental. Começaremos, nesta primeira parte que agora se publica, por abordar as hipóteses teóricas subjacentes aos principais estudos até agora conduzidos e proximamente teremos oportunidade de proceder a uma revisão das variáveis de mediação já estudadas, bem como das questões metodológicas que se levantam à investigação neste campo, terminando com uma proposta sobre algumas das novas vias que poderá revestir a análise deste problema.

No que se refere à análise experimental, é a partir dos anos sessenta que alguns psicólogos e psicossociólogos norte-americanos tomam como domínio de investigação o estudo das implicações da violência no cinema e na televisão sobre os comportamentos agressivos. Sob o ponto de vista teórico, podemos agrupar estes estudos em quatro grandes categorias: aqueles que se fundamentam na hipótese catártica (Feshbach, 1961; Feshbach e Singer, 1971) enunciada a partir da convergência da teoria frustração-agressão (Dollard *et al.*, 1968-1969), da concepção energética do comportamento (Lorenz, 1971-1950), e do próprio conceito de catarse em Freud (1926); aqueles cujas hipóteses são formuladas no contexto da teoria da aprendizagem social (Bandura *et al.*, 1963; Bandura, 1979), ou no contexto da revisão da teoria frustração-agressão — a hipótese da agressão reactiva (Berkowitz, 1970); finalmente, aqueles que se reportam à hipótese da activação emocional (Tannembaum *et al.*, 1975).

1. A hipótese catártica

Catharsis é uma palavra grega que significa purificação ou purgação, tendo chegado até

nós na acepção que lhe deu Aristóteles, para designar o efeito purificador das paixões, produzido no espectador pela tragédia, por meio do temor e da piedade que suscita.

Breuer e, posteriormente, Freud, retomam este conceito no âmbito do método terapêutico que inicialmente caracterizou a sua actividade — a hipnose. Neste contexto, a *catharsis* significa o efeito esperado de uma ab-reacção adequada a um traumatismo, permitindo pois o método catártico, «a libertação do afecto desviado e a sua descarga por vias normais (ab-reacção)» (Freud, 1926).

Extrapolada do domínio terapêutico em que Freud a definiu, a chamada «hipótese catártica» ressurgiu no âmbito dos estudos dos efeitos da violência filmada, fundamentalmente pela mão de Feshbach (1955, 1956), como tentativa de explicação de alguns resultados empíricos obtidos por outros autores e por ele próprio, em que os sujeitos, evidenciaram decréscimo de comportamentos agressivos após estimulação do impulso agressivo (normalmente por insulto) e subsequente exposição a filmes violentos, sempre com carácter fictício.

Veamos como, em 1961, Feshbach enuncia a hipótese catártica, no âmbito de um estudo experimental: «*participation in a vicarious aggressive act results in a reduction in subsequent aggressive behavior if aggressive drive has been aroused at the time of such participation; if aggressive drive has not been aroused at the time of participation in a vicarious aggressive act, such participation results in a increase in subsequent aggressive behavior*» (Feshbach, 1961, p. 391).

Feshbach (1961) monta, pois, um dispositivo experimental que lhe permite activar o impulso agressivo dos sujeitos antes da sua participação num acto agressivo vicariante, ou antes de um acto neutro, e medir a agressividade subsequente. O impulso agressivo é manipulado através do insulto e não insulto, e a actividade intermédia consiste na exposição a um filme violento ou a um filme neutro.

Veamos como se desenrolava o procedimento experimental. Os indivíduos incluídos

na condição insulto, eram sujeitos a um número apreciável de críticas fortes e injustificadas, sob a forma de comentário, que se referiam essencialmente à maturidade intelectual e emocional dos sujeitos; os indivíduos da condição não-insulto, recebiam apenas instruções para a realização de um teste *standard*. Metade dos sujeitos da condição insulto e da condição não-insulto, assistia a um filme agressivo, e a outra metade a um filme neutro. Cada filme possuía a duração de 10 minutos. Participaram na experiência um total de 101 estudantes universitários do sexo masculino. A agressividade dos sujeitos, após a visão do filme, era medida através do número de palavras agressivas associadas a uma série de palavras que lhes era apresentada como estímulo.

Feshbach verificou que, de acordo com as suas hipóteses, o grupo insultado, exposto a um filme agressivo, manifestava menos agressividade do que o grupo insultado exposto a um filme neutro. Os resultados da análise da variância dos dados indica que a interacção entre a variável insulto e a variável filme é estatisticamente significativa ($p < .05$).

QUADRO I

Impulso agressivo	Filme	
	Agressivo	Neutro
Insulto	24.5* (N=25)	28.9 (N=21)
Não insulto	27.7 (N=29)	25.3 (N=25)

* Associação média de palavras agressivas por condição.

(in FESHBACH, 1961)

Os resultados obtidos mostram, pois, que o efeito catártico do acto agressivo vicariante depende do estado agressivo dos sujeitos. Na realidade, no caso dos sujeitos insultados, existe um decréscimo de agressividade naqueles que viram o filme agressivo, em comparação com os que observaram o filme neutro.

Em 1971, Feshbach e Singer, visando a generalização dos resultados obtidos e o simples controle do efeito da exposição a filmes agressivos enquanto participação numa acto agres-

sivo vicariante, realizam uma experimentação em meio natural.

Os autores observaram durante sete a oito semanas 625 crianças e adolescentes, do sexo masculino, integradas em sete escolas com regime de internato, na Califórnia e em Nova Iorque. Destas sete escolas, três eram instituições privadas, com uma população oriunda do estrato sócio-económico médio superior, e as restantes quatro eram instituições públicas que acolhiam crianças oriundas de meios desfavorecidos.

No interior de cada uma das escolas procedeu-se à divisão dos sujeitos em dois grupos. Durante pelo menos seis horas por semana, ambos viram programas de televisão que previamente haviam sido considerados como agressivos ou como não agressivos.

No início e no fim do período experimental foram aplicados questionários, escalas de atitudes e testes de personalidade aos sujeitos envolvidos na experiência, com o fim de medir diversos aspectos da agressividade, e várias disposições da personalidade relacionadas com o comportamento agressivo (índices de hostilidade directa e latente, de conflito, de fantasias agressivas, de actividades preferidas e de tempo médio de visão de TV).

A variável dependente principal era constituída por um questionário relativo à frequência quotidiana de comportamentos agressivos cometidos pelos sujeitos, quer em relação aos seus superiores, quer em relação aos seus companheiros. Estes questionários eram preenchidos todos os dias à noite pelos educadores que haviam tido um contacto maior com cada um dos sujeitos.

Relativamente aos resultados obtidos, verificou-se que os sujeitos das escolas privadas tinham um nível de respostas agressivas inferior ao dos sujeitos das escolas públicas e que, contrariamente a estes últimos, não foram influenciados pelo tratamento. Quanto aos seus sujeitos das escolas públicas, Feshbach e Singer puderam verificar que a agressão (física e verbal) aumentou no grupo de controle e diminuiu nos sujeitos expostos a filmes agressivos. Esta

diminuição foi mais acentuada nos sujeitos com fortes disposições para a agressão, um fraco auto-controle, fantasias agressivas pobres, e ainda nos que eram inicialmente mais agressivos.

As questões metodológicas levantadas por muitos investigadores em relação à condução deste estudo, retiraram-lhe, de algum modo, o impacto que os resultados anteriormente referidos fariam prever. No entanto, a «hipótese catártica» parece sobreviver aos seus muitos opositores, estando ainda por explicar as razões porque alguns indivíduos, em determinadas condições, evidenciam um decréscimo (inibição? controlo? purgação?) dos comportamentos agressivos, após a exposição à violência filmada.

2. A hipótese da modelagem por observação

No quadro da sua teoria sobre a aprendizagem social, desenvolveu Bandura um extenso programa de investigação sobre a aprendizagem de comportamentos por observação, através do processo de modelagem.

Para Bandura (1963) a aprendizagem de padrões de comportamento em geral pode ocorrer através da observação do modelo, mesmo quando o observador não reproduz imediatamente as respostas desse modelo. Para este autor, o repertório complexo de comportamentos dos membros de uma sociedade é adquirido, em larga medida, através da observação de padrões de resposta, exibidos pelos vários agentes sociais (modelos).

Na verdade, acentua o autor, se a aprendizagem social assentasse exclusivamente no processo de ensaio e erro individual, a maioria das pessoas nunca teria sobrevivido a um processo de socialização. Seria difícil imaginar um processo de socialização em que a linguagem, os costumes familiares a uma cultura, as suas práticas educacionais, sociais e políticas, se formassem em cada novo membro através de reforço selectivo e sem a resposta-guia de modelos, que exibem um repertório cultural acumulado no seu próprio comportamento. É

neste contexto que Bandura situa a sua análise dos comportamentos agressivos.

A análise da *aprendizagem social da agressão*, enquanto *comportamento que tem como resultado o dano a outrem ou a destruição física*, obedece, segundo o autor, ao esquema do quadro II (Bandura, 1979).

A exploração prévia do mecanismo de *aprendizagem por imitação*, bem como dos mecanismos reguladores da mesma, tinha já, entretanto, levado Bandura a conduzir uma série de estudos experimentais, em que utilizou modelos filmados com comportamentos raros, ou anedóticos, que, uma vez reproduzidos, não deixassem margem de dúvida em relação ao processo que os provocara: a imitação por modelagem, sendo esta um processo complexo que envolve quatro subprocessos em interacção: o processo de atenção; o processo de retenção; o processo de reprodução motora e o processo motivacional (Bandura, 1977).

O estudo experimental da imitação foi levado a cabo por Bandura e colaboradores durante os anos 60 e dele salientamos a experiência que a seguir referimos, paradigma das experiências posteriores:

Bandura *et al.* (1963) pretendiam verificar em que medida modelos agressivos mediados por filmes podem servir como fonte de comportamentos por imitação. Neste sentido, os autores formulam as seguintes hipóteses: os sujeitos que manifestam elevada ansiedade perante a agressão executarão significativamente menos agressão imitativa e não imitativa, do que os sujeitos que exibem pouca ansiedade perante a agressão; já que a agressão é geralmente considerada um comportamento feminino inapropriado, e provavelmente reforçado de modo negativo nas raparigas, é igualmente de prever que os sujeitos masculinos terão mais agressão por imitação do que as raparigas; é de prever ainda que sujeitos que observem modelos agressivos, exibirão significativamente mais agressão, quando subsequentemente frustrados, do que os sujeitos que são igualmente frustrados mas que não tiveram exposição anterior a modelos exibindo agressão.

QUADRO II
ANÁLISE DA APRENDIZAGEM SOCIAL DA AGRESSÃO

Origens da agressão	Instigadores da agressão	Reguladores da agressão
Aprendizagem por observação	Influências modeladoras	Reforço externo
Execução reforçada	Desinibitórias	Recompensa material
Determinantes biológicos	Facilitadoras	Recompensa social e de estatuto
	Activadoras	Decréscimo do tratamento aversivo
	Acentuadoras do estímulo	Punição
	Instigadores aversivos	Inibitório
	Ataques físicos	Informativo
	Ameaças e insultos verbais	Reforço vicariante
	Redução adversa do reforço	Recompensa observada
	Obstrução	Punição observada
	Instigadores incentivantes	Auto-reforço
	Controlo por meio de instruções	Auto-recompensa
	Controlo simbólico bizarro	Auto-punição
		Neutralização da auto-punição
		Justificação moral
		Atenuação por comparação
		Etiquetagem eufemística
		Deslocamento da responsabilidade
		Difusão da responsabilidade
		Desumanização da vítima
		Atribuição de culpa à vítima
		Representação distorcida das consequências

in Psychological Mechanisms of Aggression, Bandura, 1979

A experiência foi realizada com noventa e seis crianças (48 do sexo masculino e igual número do sexo feminino) com uma idade média de quatro anos e quatro meses.

Os sujeitos foram distribuídos por três condições experimentais e uma de controlo: um grupo de sujeitos observou modelos agressivos reais; um segundo grupo observou os mesmos modelos filmados; um terceiro grupo observou o modelo num cenário de desenho animado; finalmente, o grupo controlo não era exposto a qualquer modelo agressivo. Nas duas primeiras condições experimentais os sujeitos foram ainda distribuídos, ora por uma situação com modelo masculino, ora com um modelo feminino. As crianças do sexo masculino e feminino foram igualmente distribuídas por cada uma das condições. Através de escalas de observação aplicadas previamente à realização da experiência, Bandura controlou ainda o *teor de*

agressividade de cada um dos sujeitos, bem como a sua ansiedade perante a agressão.

Em qualquer das condições experimentais, o modelo punia uma *bobo doll* e exibia uma série de actos agressivos distintos: sentava-se sobre a boneca Bobo e esmurrava-a no nariz, batia na cabeça da boneca com um martelo, lançava a boneca ao ar e dava-lhe pontapés à volta da sala. Esta sequência de agressões físicas era repetida por três vezes, ao mesmo tempo que o modelo emitia verbalizações agressivas.

Antes de entrarem na sala de observações, e depois de terem visto o filme ou não (grupo de controlo), as crianças eram frustradas: o experimentador mostrava uma série de brinquedos atraentes a cada uma das crianças e, logo que estas se manifestavam interessadas em brincar, dizia-lhes que aqueles estavam reservados para outras crianças. O experimen-

QUADRO III

Agressão total	Grupos experimentais					Grupo controle
	Modelo real		Modelo filmado		Desenho animado	
	Modelo M	Modelo F	Modelo M	Modelo F		
Raparigas	65.8	57.3	87.0	79.5	80.9	36.4
Rapazes	76.8	131.8	114.5	85.0	117.2	72.2

(in BANDURA, et al., 1963)

tador conduzia depois a criança para a sala de observação, onde se encontravam outros brinquedos que podiam ser usados em manifestações de agressão imitativa, entre os quais a *Bobo doll*, e não imitativa, e outros que facilitavam reacções não agressivas.

O quadro III evidencia os principais resultados obtidos:

Através de um vidro de visão unidireccional, cada um dos sujeitos era observado, por observadores treinados, durante vinte minutos e com base numa grelha com categorias de respostas agressivas e não agressivas.

Os sujeitos que observaram o modelo real e os que observaram o modelo filmado não diferem na agressão total subsequente; os três grupos experimentais expressaram significativamente mais agressão do que o grupo controle. Verificou-se ainda que os rapazes exibiam um total de agressão mais elevado do que as raparigas, havendo igualmente influência do sexo do modelo. Esta experiência evidencia, pois, como a observação de modelos agressivos filmados conduz a respostas agressivas por imitação.

Bandura chama ainda a atenção para a diferença que ele próprio estabelece, aliás de acordo com outros teóricos da aprendizagem, entre *aprendizagem* e *performance*, e para a importância desta distinção a nível dos efeitos da violência filmada: «*In assessing the possible influence of televised stimulation on viewers, however it is important to distinguish between learning and overt performance. Although the results of the present experiment demonstrate that the vast majority of children learn patterns of social behavior through pictorial stimulation,*

nevertheless, informal observation suggests that children do not, as rule, perform indiscriminately the behavior of televised characters, even they regard as highly attractive models.» (Bandura et al., 1963, p. 9).

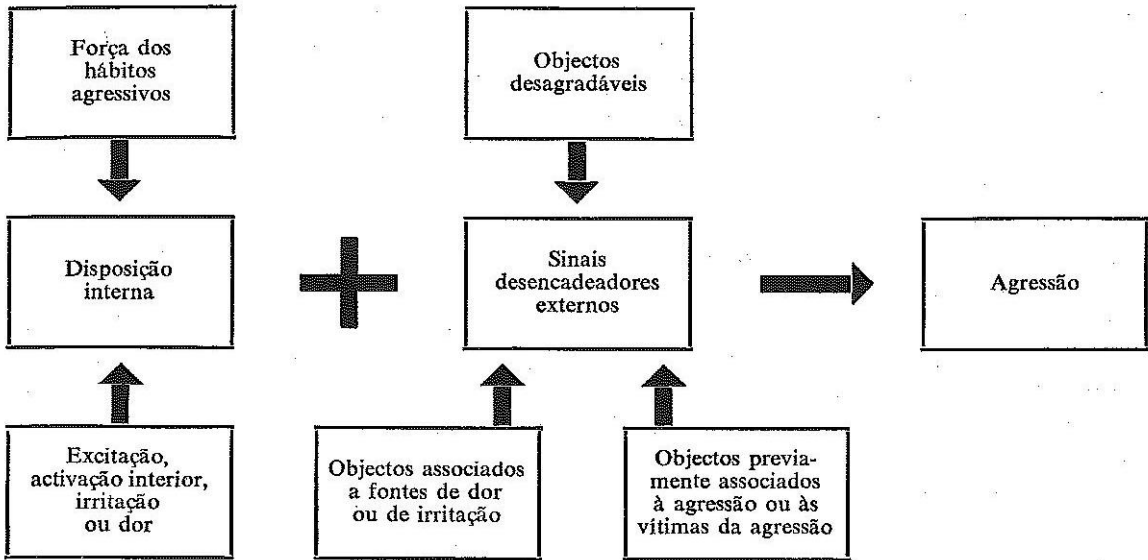
A execução de padrões de comportamento social e, concretamente, de comportamento agressivo, não é pois, indiscriminada, mas supõe a combinação de elementos instigadores e reguladores (quadro II) que, em cada momento, dão conta de um dado comportamento.

3. A hipótese da agressão reactiva

No contexto da revisão da teoria frustração-agressão (Dollard et al., 1968-1939), Berkowitz (1969) viria a relativizar a relação causal entre aqueles dois termos e a evidenciar o papel dos «sinais» agressivos no desencadeamento da agressão: «*the presence of appropriate aggressive cues (in the external environment or represented internally in thoughts) increases the probability that an overt aggressive response will actually take place*». De acordo com esta hipótese, a agressão verifica-se com mais probabilidade quando a um estado de disposição interna, onde há que considerar a força dos hábitos agressivos, a excitação, a estimulação interior, a dor ou a cólera, se associam índices agressivos — objectos desagradáveis, objectos associados com fontes de dor ou cólera, objectos associados com a agressão ou com vítimas de agressão (Berkowitz, 1975) (cf. quadro IV).

Segundo Leyens (1979b), a natureza destes índices ou sinais agressivos parece estar, para Berkowitz, associada à ideia dos «desencadea-

QUADRO IV



dores inatos da agressão» tal como são referidos pela etologia, embora, por outro lado, relevem do condicionamento clássico (Berkowitz e Knurek, 1969).

É neste sentido que Berkowitz interpreta o efeito da simples presença de uma arma no desencadeamento de uma resposta agressiva: os sujeitos experimentais punem com mais intensidade os seus parceiros quando, perto de si, se encontra uma arma (sinal agressivo por excelência), do que quando se encontra um objecto neutro (raquete de badmington), ou não se encontra qualquer objecto (Berkowitz e Le Page, 1967).

Alguns autores (Buss *et al.*, 1972) obtiveram, no entanto, com base no mesmo paradigma experimental, resultados opostos os encontrados por Berkowitz, Leyens *et al.* (1979a); perguntam-se se tal não será devido ao facto de as armas aí utilizadas terem um efeito anxiogénico, tornando-se inibidoras da agressão. O efeito esperado não pode efectivamente verificar-se senão quando o poder instigador dos sinais agressivos é superior ao poder inibidor. Leyens e Parke (1975a) reproduzem o paradigma de Berkowitz utilizando diapositivos e

chegam de facto a resultados idênticos aos deste.

Nesta experiência de Leyens e Parke (1975a), os sujeitos eram distribuídos por três condições. Aos sujeitos da primeira condição era mostrado um diapositivo que apresentava um revólver (sinal muito agressivo), aos da segunda um diapositivo que apresentava um apito (sinal medianamente agressivo), e aos da terceira era-lhes mostrada uma lata de leite achocolatado (sinal não agressivo). Depois da projecção, apenas metade dos sujeitos de cada condição era irritado por um colega (conivente do experimentador). Todos os sujeitos tinham em seguida possibilidade de manifestar comportamentos agressivos ao decidirem a intensidade do choque que desejavam infligir ao seu colega, no decorrer do processo de aprendizagem que se seguia. De acordo com a hipótese dos autores, o contacto com um sinal agressivo aumenta o comportamento violento dos sujeitos, mas unicamente depois de terem sido irritados.

É, pois, no quadro dos seus estudos sobre a agressividade impulsiva que Berkowitz coloca a hipótese da relação entre a exposição à violência nos M. C. S. e o desencadeamento de

comportamentos agressivos: *portrayed violence in the mass media is associated with other violent scenes the individual had encountered previously (there is a response—mediated stimulus generalisation) and these stimuli, in turn, can evoke a range of aggressive responses*» (Berkowitz, 1970).

O procedimento experimental dos trabalhos em laboratório conduzidos por Berkowitz e continuadores neste domínio, obedece aos seguintes momentos fundamentais: os sujeitos realizam uma tarefa que é avaliada positiva ou negativamente; na segunda fase da experiência vêem um filme agressivo (um extracto de *The Champion*), ou um filme neutro igualmente activo e cativante (uma prova de atletismo); na terceira fase, os sujeitos podem administrar choques a quem os puniu na primeira parte do procedimento. Os resultados obtidos por Berkowitz (1970) ao longo dos seus estudos em laboratório confirmam a hipótese de que os filmes violentos facilitam as respostas agressivas.

Entretanto, para além da interpretação teórica que Berkowitz oferece dos resultados por si obtidos, a contribuição deste autor é fundamental neste domínio de investigação, dada a orientação que imprimiu aos estudos experimentais conduzidos no terreno.

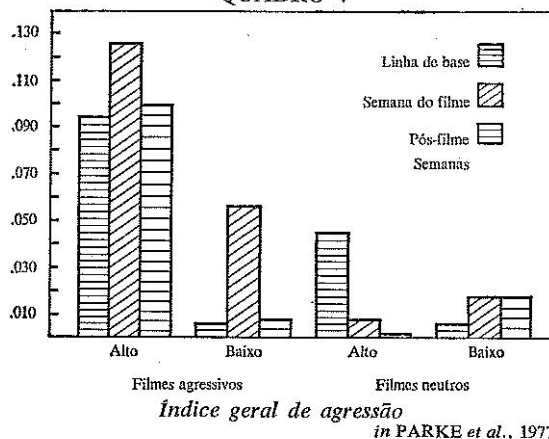
Os estudos a que nos passamos a referir constituem um tríptico. Os dois primeiros foram conduzidos nos Estados Unidos da América e o terceiro na Bélgica (Leyens, Camino, *et al.*, 1975b; Parke, Berkowitz, Leyens, *et al.*, 1977). Qualquer dos três estudos incidiu sobre delinquentes juvenis.

No primeiro estudo, os autores trabalharam com dois grupos de sujeitos. Numa primeira fase procedeu-se à medida do nível base dos comportamentos agressivos, observando-se os sujeitos a partir de uma grelha estruturada, durante duas horas por dia, ao longo de nove dias, três dias em cada uma das três semanas de observação. Na segunda fase, os sujeitos foram expostos durante cinco dias a filmes neu-

tros ou agressivos, todos previamente submetidos a uma análise de conteúdo. Durante a semana de tratamento experimental, os comportamentos agressivos dos sujeitos são desde logo observados. Na terceira fase, de observação pós-experimental, os sujeitos eram observados ao longo de três semanas, três dias por semana.

Na análise dos resultados os sujeitos foram divididos em duas classes, a partir do seu nível de agressão de base. Os resultados evidenciaram que os filmes violentos suscitam mais agressão do que os filmes neutros, embora este efeito seja mais marcado nos sujeitos inicialmente mais agressivos:

QUADRO V



No sábado, após os cinco dias de tratamento experimental, alguns dos sujeitos eram ainda introduzidos numa experiência em laboratório, cujo procedimento obedecia ao paradigma experimental de Berkowitz, atrás descrito. Os resultados obtidos mostram que os sujeitos insultados e expostos a filmes agressivos eram os que ofereciam respostas agressivas mais intensas.

No segundo estudo, o procedimento experimental manteve-se basicamente o mesmo. No entanto, melhorou-se a escolha dos filmes neutros, seleccionando-se filmes mais interessantes; aumentaram-se os dias de observação, de forma a incluir os cinco dias imediatos e precedentes à exposição ao tratamento; procurou-

-se ainda clarificar os efeitos da exposição repetida, tendo-se, assim, incluído dois grupos adicionais, que apenas viam o último filme de cada uma das séries, agressiva ou neutra.

Os resultados obtidos neste segundo estudo mostram igualmente que os sujeitos que viram os filmes violentos se manifestaram mais agressivos do que os sujeitos do grupo controle. Quanto à questão relativa ao impacto dos cinco filmes versus o impacto de um só filme, os resultados mostram que os sujeitos expostos a um único filme manifestam índices de agressividade mais elevada do que os expostos ao conjunto dos cinco filmes.

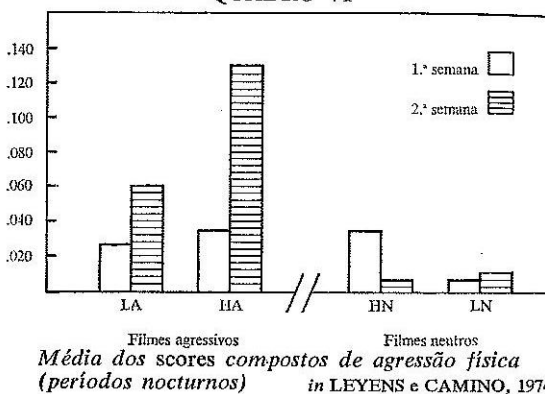
O estudo belga é conduzido numa instituição onde os jovens se encontram à partida distribuídos por quatro pavilhões. Numa primeira semana, os observadores tomaram contacto com o local e os sujeitos, ao mesmo tempo que estes tinham possibilidade de se habituar à presença daqueles. Na semana seguinte, a primeira de investigação propriamente dita, procedeu-se ao estabelecimento do nível base dos comportamentos agressivos dos sujeitos. Seguiu-se uma semana de tratamento experimental, e uma semana de medida dos efeitos pós-tratamento.

As observações da primeira semana permitiram distribuir os filmes agressivos e neutros pelos quatro pavilhões, de acordo com os respectivos índices de agressividade: um pavilhão mais agressivo e um menos agressivo foram introduzidos na condição filmes agressivos; da mesma forma, a um pavilhão igualmente mais agressivo e a um menos agressivo foram dados filmes neutros.

Os resultados mais claros são os relativos ao «período da noite», que se seguia imediatamente à projecção dos filmes: Como se pode ver no gráfico a seguir, os pavilhões que foram expostos aos filmes agressivos aumentam significativamente a taxa de agressões físicas, diminuindo este tipo de respostas num dos pavilhões da condição filmes neutros, ao mesmo tempo que no outro não se registam alterações

(neste pavilhão seria aliás difícil registarem-se níveis de agressão mais baixos do que os verificados no período base):

QUADRO VI



Se, na semana de projecção, o efeito dos filmes violentos é bem nítido, os resultados relativos à terceira semana não são concludentes. Por outro lado, no que respeita à influência a médio prazo, os únicos sujeitos em que se regista um efeito durável são aqueles que pertencem ao grupo inicialmente mais agressivo. Finalmente, os aspectos mais inovadores do estudo belga são os relativos à consideração dos factores de contexto social, problema que abordaremos mais adiante.

Estes três estudos experimentais no terreno apresentam um grande avanço metodológico da investigação no domínio e evidenciam um efeito positivo dos filmes violentos nos comportamentos agressivos, embora a natureza do conjunto dos resultados obtidos nos sugira uma generalização prudente.

4. A hipótese da activação emocional

Os trabalhos de Hull (1943) e Spence (1956) sobre a aprendizagem, evidenciaram que a activação fisiológica aumenta a probabilidade de emissão das respostas dominantes no repertório comportamental dos sujeitos. Tannebaum (1971, 1972; Tannebaum e Zillmann, 1975) estende esta hipótese à análise dos efeitos de qualquer tipo de comunicação e, consequentemente, à análise dos efeitos da violência filmada. Segundo este modelo, a activação não

determina o conteúdo das respostas mas a sua intensidade: «*The nature of the response is attributed to the characteristics of the response situation. In short, the model merely suggests that an individual in a heightened state of emotional arousal, however that arousal is induced, will be inclined to more intensive behavior, no matter what kind of behavior he may be called upon to perform — as long as the arousal is present. Presumably, the higher the level of residual arousal at the moment of behavior, the greater is its contribution to the intensity of the response.*» (Tannenbaum et al., 1975, p. 162.)

Zillmann (1971), por exemplo, escolheu três tipos de filmes que provocaram graus de activação fisiológica diferenciados: um filme erótico muito excitante, um filme agressivo moderadamente excitante e um filme de aventuras, não violento, e que quase não provocava activação emocional. O autor pôde verificar que as respostas agressivas subsequentes dos sujeitos correspondiam mais ao grau de excitação provocado pelo estímulo do que ao seu conteúdo; se bem que os sujeitos que observaram o filme agressivo tenham dado mais respostas agressivas do que os que viram o filme neutro, o nível daquelas era equivalente às dos sujeitos expostos ao filme erótico.

Tannenbaum (1977) parte da hipótese de que o conteúdo e a excitação interagem na determinação das respostas agressivas, o que está aliás de acordo com o seu modelo de activação emocional. Este autor mostrou a todos os sujeitos o mesmo filme erótico. Na primeira condição, o filme era mostrado sem qualquer fundo sonoro; na segunda condição, um comentário erótico completava as imagens, enquanto que na terceira condição o comentário era agressivo; quanto à quarta condição, além do comentário agressivo, o filme erótico era entrecortado com imagens de armas. De acordo com a hipótese, as respostas agressivas aumentaram da primeira para a última condição; a estruturação gradualmente mais agressiva do estímulo reforçara as respostas provocadas pela simples activação emocional.

DISCUSSÃO

Se nos referirmos aos resultados cumulativos da investigação neste domínio podemos concluir, como Andison (1977), após ter realizado uma exploração sistemática dos artigos publicados entre 1956 e 1976 sobre violência e televisão, que eles evidenciam predominantemente efeitos positivos da exposição à violência sobre os comportamentos agressivos subsequentes. Muitas questões continuam, no entanto, em aberto — questões metodológicas, que abordaremos num próximo artigo, e sobretudo questões relativas aos processos psicológicos e psicossociológicos mediadores dos efeitos verificados.

Uma questão que desde logo se nos coloca é relativa à especificidade da própria relação entre a violência filmada e os comportamentos agressivos. Parece-nos que, privilegiar o papel dos meios de comunicação social na difusão dos comportamentos violentos, corresponde a não tomar em linha de conta a complexidade dos próprios fenómenos sociais e psicológicos subjacentes a esse processo. Mas, por outro lado, ignorar o papel dos M.C.S., nomeadamente dos meios filmados, corresponde a ignorar um dos sub-sistemas sociais mais activos e uma poderosa fonte de influência social. Como colocar então o problema da relação entre os *mass media* e os comportamentos violentos? Se, do ponto de vista da causalidade, nos remetermos para uma análise de tipo sistémico, não determinista mas interaccionista, em que os sistemas e sub-sistemas estabelecem entre si relações de dependência e influência, embora em moldes e com incidências diferenciados, a questão que, então, se nos coloca é saber como ultrapassar o sobredeterminismo estrutural, por um lado, e as relações simples de causa-efeito, por outro.

Na nossa perspectiva, o estado actual da investigação, nomeadamente das metodologias disponíveis, aponta ainda para uma limitação nas variáveis a analisar e no modo de as estudar, considerando-se, muito embora, a comple-

xidade multideterminada dos fenómenos psicológicos e psicossociológicos.

Em nosso entender, porém, não só limitações de ordem metodológica, mas também de ordem teórica, justificam o facto de um grande número das análises experimentais dos efeitos da violência filmada se orientar para um estudo simples de efeitos: as próprias definições da agressão, que posteriormente analisaremos, têm sido, por exigências de operacionalização a nível experimental, reduzidas a comportamentos factuais — dano observado, intenção de dano — incapazes de conter a multiplicidade de significações, cognitiva e socialmente determinadas, que lhe reconhecemos.

A esta questão há ainda que acrescentar o carácter restrito das teorias de referência dos trabalhos mencionados. Problema, aliás, não específico deste domínio de investigação, mas de um grande número de áreas de estudo próprias à psicologia social. De facto, como referem Deutsch *et al.* (1972), o esforço de elaboração teórica na psicologia social tem sido sobretudo orientado para a construção de *teorias de médio alcance*, ou seja: «*theories intermediate to the minor working hypotheses evolved in abundance during the day-by-day routines of research and the all-inclusive speculations comprising a master conceptual scheme.*» (Mer-ton, 1957.)

Ora a maioria destas teorias (como, no caso que nos ocupa, as de Feshbach, Berkowitz, Bandura ou Tannenbaum) revelam, a par de um elevado *alcance empírico* (ou seja, possibilidade de articulação entre os seus conceitos, os procedimentos de investigação e o universo dos factos observáveis), um *alcance teórico* relativo, na medida em que são de algum modo limitadas, excepção feita a Bandura, nas articulações que oferecem com sistemas teóricos mais vastos, únicos capazes de oferecer um enquadramento heurístico à exploração da complexidade dos fenómenos psicossociais. Como Leyens (1979b) afirmou — a psicologia social espera ainda o seu Freud ou o seu Piaget...

SUMMARY

This is the first of two papers on the effects of filmed violence upon the viewer's aggressive behavior. The authors expound the main theoretical and methodological trends in experimental research on this topic, and review the major theoretical models which support the experimental work, namely the cathartic, the imitation, the frustration-aggression and the emotional activation hypothesis. Experimental paradigms derived from those underlying hypothesis and their results are presented, as well.

REFERÊNCIAS

- ANDISON, F. S. (1977) — «T.V. violence and viewer aggression: A cumulation of study results; 1956-1976», *Public Opinion Quarterly*, 41:314-331.
- BANDURA, A., ROSS, D. e ROSS, S. (1963) — «Imitation of filmsmediated aggression models», *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 66, 1:3-11.
- BANDURA, A. (1973) — *Aggression: a Social Learning Analysis*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, New Jersey.
- BANDURA, A. (1979) — «Psychological mechanisms of aggression», in M. von Cranach, K. Foppa, W. Lepeniers e D. Ploog (eds.) *Human Ethology: claims and limits of a new discipline*, Cambridge Univ. Press, Cambridge.
- BERKOWITZ, L. e Le PAGE, A. (1967) — «Weapons as aggression-eliciting stimuli», *Journal of Personality and Social Psychology*, 7:202-207.
- BERKOWITZ, L. e KNUREK, D. A. (1969) — «Label-Mediated Hostility Generalisation», *Journal of Personality and Social Psychology*, 13:200-206.
- BERKOWITZ, L. (1969) — «The frustration-aggression hypothesis revisited», in L. Berkowitz (ed.) *Roots of Aggression — a re-examination of the frustration-aggression hypothesis*, Atherton Press, New York.
- BERKOWITZ, L. (1970) — «The contagion of violence: an S-R mediational analysis of some effects of observed aggression», *Nebraska Symposium of Motivation*, 19:95-135.
- BERKOWITZ, L. (1975) — *A Survey of Social Psychology*, The Dryden Press, Hinsdale, Illinois.
- BUSS, A., BOOKER, A. e BUSS, E. (1972) — «Firing a weapon and aggression», *J. Person. Soc. Psychol.*, 22:296-302.
- COMSTOCK, G. A. e RUBINSTEIN, E. A. (eds.) (1972) — *Television and Social Behavior*, Government Printing Office, Washington, D.C.
- COMSTOCK, G. (1978) — *Trends in the study of incidental learning from television viewing*, School of Education, Syracuse University, New York.
- DEUTCH, M. e KRAUSS, R. (1972) — *Les Théories en Psychologie Sociale*, Mouton, La Haye.
- DOLLARD, DOOB, MILLER, MOWRER e SEARS (1968-1939) — *Frustration and Aggression*, Yale University Press, New Haven.
- DOMENACH, J. M. (1978) — «L'ubiquité de la violence», *Revue Int. des Sciences Sociales*, vol. XXX, 4:759-767.

- FESHBACH, S. (1955)—«The drive-reducing function of fantasy behaviors», *J. of Abnormal Social Psychol.*, 50:3-11.
- FESHBACH, S. (1956)—«The catharsis hypothesis and some consequences of interaction with aggressive and neutral play objects», *Journal of Personality*, 24:449-462.
- FESHBACH, S. (1961)—«The stimulating versus cathartic effects of a vicarious aggressive activity», *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 2:381-385.
- FESHBACH, S. e SINGER, R. D. (1971)—*Television and aggression: an experimental field study*, Jossey-Bass, San Francisco.
- FREUD, S. (1926)—*Psycho-analysis*, St. Ed., XX, 263-264.
- GERBNER, G.; CROSS, L.; SIGNORIELLI, N. et al. (1979)—«The demonstration of power: violence profile», n.º 10, *Journal of Communication*, 29:177-196.
- HIMMELWEIT, H. T.; OPPENHEIM, A. N.; VINCE, P. (1958)—*Television and the child*, Oxford Univ. Press, London.
- HULL, C. L. (1943)—*Principles of Behavior*, Appleton, New York.
- LEYENS, J. Ph. e CAMINO, L. (1974)—«Violence à l'écran et chez les spectateurs: quelques processus de médiation au niveau des individus et des groupes», *Rev. Psychol. Sci. Educ.*, 3:279-300.
- LEYENS, J. Ph. e PARKE, R. (1975)—«Aggressive slides can induce a weapons effect», *Am. J. Soc. Psy.*, 5:229-236.
- LEYENS, J. Ph. e HERMAN, G. (1979a)—«Cinéma violent et spectateurs agressifs», *Revue de Psychologie Française*.
- LEYENS, J. Ph. (1979b)—*Psychologie Sociale*, Mardaga, Bruxelles.
- LORENZ, K. (1950)—«The Comparative Method in Studying Innate Behavior Patterns», in Bindra, Dalbir e Stewart, Jane (eds.) *Motivation*, Penguin, Middlessex.
- MERTON, R. K. (1957)—*Social Theory and Social Structure*, Free Press, Glencoe.
- PARKE, R. D., BERKOWITZ, L. e LEYENS, J.-Ph. et al. (1977)—«Some effects of violent and non-violent movies on the behavior of juvenile delinquents», *Advances in Experimental Social Psychology*, 10:135-172, Academic Press, New York.
- SCHRAMM, W., LYLE, J. e PARKER, E. B. (1961)—*Television in the lives of our children*, Stanford Univ. Press, Stanford.
- SPENCE, K.W. (1956)—*Behavior theory and conditioning*, Yale University Press, New Haven.
- TANNEMBAUM, P. H. (1971)—*Emotional arousal as a mediator of erotic communication effects*. Technical Report of the Commission on Obscenity and Pornography, vol. 8, Government Printing Office, Washington.
- TANNEMBAUM, P. H. (1972)—«Studies in film — and television — mediated arousal and aggression: a progress report», in G. A. Comstock, R. Rubinstein, E. A., J. P. Murray (eds.) *Television and Social Behavior*. Vol. 5 (Television Effects: further explorations), Government Printing Office, Washington.
- TANNEMBAUM, P. H. e ZILLMANN, D. (1975)—«Emotional arousal in the facilitation of aggression through communications», in Berkowitz (ed.) *Advances in Experimental Social Psychology*, 8: :149-191, Academic Press, New York.
- ZILLMANN, D. (1971)—«Excitation transfert in communication mediated, aggressive behavior», *Journal of Experimental Social Psychology*, 7: :419-434.